



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

?Meu filho tomou um tiro!?: O exterm?nio da popula??o favelada e as topografias do horror

Autoria: Maria Aline Sabino Nascimento

O presente work ? fruto de uma experi?ncia etnogr?fica realizada em uma competi??o po?tica de rua que ocorre em uma favela da cidade do Rio de Janeiro. Em meu texto, elaboro minha discuss?o a partir do relato de Joana, m?e, cantora e poeta, que em sua primeira participa??o na batalha po?tica descreve a cena testemunhada por ela do assassinato de seu vizinho na cal?ada de sua casa por um policial do BOPE. Discutindo a respeito de assassinatos de moradores das favelas do Rio de Janeiro, viso compreender as forma??es das engrenagens governamentais de uma pol?tica de gest?o de mortes. Engrenagens que giram nas margens, lugares onde o governo de morte se (re)constr?i e ? refor?ado cotidianamente. Meu objetivo neste texto ? mostrar que esses assassinatos s?o o combust?vel da governamentalidade e respons?veis pelo refazimento do Estado. O debate feito a respeito de vidas faveladas exterminadas pelo Estado n?o pode ser isento de uma discuss?o s?ria de ra?a e classe, tra?os inscritos nos corpos dessas v?timas. Uma esteriliza??o moderna, portanto. Aqueles que ainda continuam vivos precisam ser exterminados, pois representam uma amea?a ?s vidas de uma popula??o espec?fica, que tamb?m tem em seus corpos inscri??es corporais de ra?a e classe. Dessa maneira, tendo como central para mim as elabora??es te?ricas de Angela Davis (2016), entendo o exterm?nio das popula??es faveladas como uma esp?cie de ?esteriliza??o moderna?. Segundo ela, ?a ideologia transforma-se para encontrar novas condi??es hist?ricas? (Ibid., p. 134). Partindo dessa perspectiva, compreendo que, se no passado mulheres negras eram for?adas a passarem por um processo de esteriliza??o, no presente esse mesmo processo existe, mas de outra forma. Quem pode viver e quem pode morrer ? um questionamento que atravessa todo o meu texto. Questionamento feito por autores como Mbembe, Butler, Davis, Farias, Vianna e tantos outros. Se ? verdade que o tempo ? uma ag?ncia ativa capaz de curar e destruir (Das, 1999) como acontece o refazimento das vidas daqueles que ficaram e lutam para que pelo menos o assassinato de seus filhos seja reconhecido como tal, j? que a vida dele foi questionada como vida tantas vezes? O que cabe e o que n?o cabe nos enquadramentos que n?s fazemos em rela??o ?s



narrativas ouvidas por nós pesquisadores? Joana buscou na poesia e na fala compartilhar sua dor como uma forma de se refazer, são nas fronteiras das topografias do horror que a luta por sobrevivência só é possível por meio de "tomadas de ar". Recitar poesia, portanto, foi uma forma que ela encontrou de reabitar a vida, o cotidiano e o espaço.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

